

# O feitiço do cinema<sup>1</sup>

## *The sorcery of cinema*

**Fábio Diogo Silva**

Professor universitário, membro da Escola Crítica de Cinema de São Paulo e mestrando em Comunicação, pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS. Professor da Faculdade Aplicada de Teologia e Filosofia – Fatef, da Faculdade de Vinhedo e da Universidade de Uberaba – Uniube.

O cinema, desde a sua invenção pelos irmãos Lumière, fascina espectadores em todas as partes do mundo, independentemente de classe social, faixa etária ou nível de instrução. Como disse Edgar Morin, “o cinema realiza o trabalho de uma máquina de percepção auxiliar”, permitindo que se tenha uma imagem já feita, construída, porque o indivíduo confunde a imagem da tela com a imagem da percepção. Para tirar o espectador do lugar comum, não deixá-lo como participante passivo do processo de percepção fílmica, é necessário decifrar os signos contidos em imagens, sons e movimentos de câmera, dentre inúmeros outros fatores, buscando o sentido além do que a imagem está mostrando, de modo a saborear mais e melhor os conteúdos e ricos significados dos filmes.

Partindo do pressuposto de que, para entender cinema, é preciso mais do que sentir as suas emoções, o especialista e fundador da Escola Crítica de Cinema de São Paulo, Dr. Juan Guillermo D. Droguett, e o jornalista Flávio F. A. Andrade reuniram grandes teóricos e críticos brasileiros sobre o cinema, como Anna Maria Balogh, João Ângelo Fantini e Vitché Palacin, trazendo uma abordagem completa e consistente sobre crítica cinematográfica no livro *O feitiço do cinema – ensaios de griffe sobre a sétima arte*, que contém ensaios sobre as principais teorias do cinema, bem como sobre a função da linguagem transportada para as telas.

O estilo do livro é simples e leve, e não apenas permite entender o como e o porquê de técnicas e escolhas na concepção de uma obra cinematográfica, como também realiza uma contribuição significativa ao estabelecer a relação entre o cinema e o conjunto de saberes que o complementam e o enriquecem. Assim, a prática interdisciplinar se revela um fato de luz,

sombra e ação narrativa fílmica, elaborados por pesquisadores apaixonados pela sétima arte.

O livro reúne 17 autores e ensaios, divididos em quatro partes. O capítulo inicial, “*Griffando o sabor do celuloide*”, oferece uma ideia do conteúdo da coletânea, apresentando de modo ordenado os princípios que pautam a obra em seu conteúdo, estilo e alcance. Nos seis capítulos que compõem a primeira parte – “*História, teorias e crítica de Cinema*” –, os pesquisadores do grupo Escola Crítica de Cinema descortinaram conceitos valiosos para compreender as variadas possibilidades do cinema: metalinguagem, função poética, intertextualidade com a História e a Literatura.

Na segunda parte – “*A produção cinematográfica*” –, o foco está nos recursos que suportam a elaboração bem-sucedida de um filme – fotografia, cenografia, figurinos e interpretação –, apontando suas origens e exemplificando sua aplicação por meio de filmes clássicos e da atualidade. Na terceira parte – “*Análise de filmes*” –, os autores se entregaram ao exercício interpretativo de obras relevantes da filmografia contemporânea: o estudo de metalinguagem de *Os sonhos*; as relações intertextuais entre o



<sup>1</sup> DROGUETT, Juan & ANDRADE, Flávio (Orgs.). *O feitiço do cinema ensaios de griffe sobre a sétima arte*. São Paulo: ARX, 2009.

romance *Crime e castigo* e o perturbador *Match point*; o universo onírico de *Tideland/Contraponto*; a riqueza biográfica de *Piaf: um hino ao amor*; e as sérias questões éticas de *Tropa de elite*. Na quarta e última parte – “Cinema regional” –, os dois ensaios se dedicam a análises de um belo exemplar do cinema nacional, *Lavoura arcaica*, inclusive com um ensaio fotográfico da cidade de São José das Três Ilhas, que foi utilizada para a gravação deste filme.

O cinema é descontinuidade, montagem e relação, esconde suas operações para oferecer-se como um fato natural. Esta ilusão de realidade propiciada pelo cinema produz diversas sensações no espectador, e

tal efeito **diegético** desperta um prazer de olhar que não depende única e tão somente da imagem projetada, mas da relação desta imagem com o sentir do espectador. Por detrás destas sensações que os filmes provocam, há todo um caminho percorrido pelos diretores, figurinistas, roteiristas, atores e produtores. Entender o que está escondido, oculto, o sentido do prazer que um filme pode provocar é a função dos críticos de cinema, que vai muito além do olhar superficial de um espectador comum. Esta é a missão da presente coletânea sobre cinema, cujo propósito foi alcançado pelos organizadores e autores.